

COMO CONCILIAR SÍNTESE E ANTAGONISMO: UMA ANÁLISE DO PROBLEMA DA ELEVAÇÃO DO HOMEM NO PENSAMENTO DE F. NIETZSCHE

SDNEI ALMEIDA PESTANO¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹ Universidade Federal de Pelotas – sdnei_pestano@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da dissertação que está sendo produzida junto ao programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Pelotas, com financiamento da CAPES, sob o Título de “F. Nietzsche: estética, moral e política a partir da imagem Renascença”. Como fonte de pesquisa utilizamos as obras publicadas¹ a partir 1882, assim como a correspondência e os fragmentos póstumos (*Nachlass*/FP) deste mesmo período, o qual representa a produção teórica do Nietzsche tardio². Também foram utilizados comentadores, na medida em que estes se mostraram necessários para o melhor entendimento do texto.

Nietzsche é por excelência um filósofo conhecido por seu aspecto crítico e corrosivo. Porém, em sua crítica à moral cristã, ele afirma reconhecer a virtude em aspectos morais que foram isolados por esta tradição. Nosso intento é analisar o que Nietzsche quer dizer quando afirma que Napoleão é a síntese entre o monstro e o além do homem (GM §16). Pretendemos abordar alguns aspectos que permitem entender a importância de manter este caráter antitético do indivíduo.

Nosso enfoque neste trabalho permite que entendamos como pressuposto a questão das tipologias morais³ e, consecutivamente, a diferenciação entre a moral dos senhores e a moral de escravos⁴ (BM§ 260).

2. MATERIAL E MÉTODOS

¹ Levando em consideração que cada área possui elementos metodológicos que lhe é próprio, nos utilizaremos do modelo de citação convencional para as obras de Nietzsche: “Assim Falou Zaratustra, um Livro para Todos e para Ninguém” (Za); Além do Bem e do Mal, Prelúdio a uma Filosofia do Futuro (BM); Genealogia da Moral, uma Polêmica (GM); Crepúsculo dos Ídolos, ou como Filosofar com o Martelo (CI). No caso de citações de comentadores, obedeceremos os critérios exigidos pelo ENPOS.

² Para um melhor entendimento da divisão em períodos da obra de Nietzsche, consultar em “Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos” págs. 24-25, obra de Scarlett Marton.

³ No que se refere ao termo “*Typus*”, acreditamos que Araldi esclareceu de forma precisa o modo no qual Nietzsche se utiliza do termo, segundo ele, “a operacionalização e a construção de uma ‘tipologia’ só ocorrem a partir da pesquisa genealógica. No livro IX de Para além de bem e mal, o filósofo explicita sua compreensão de tipo, a qual não se refere exclusivamente ao homem, visto que é aplicada também a outros animais [...] Assim sendo, os ‘tipos’ de homem elaborados ao longo de sua obra referem a valores, características, traços, em suma, à vontade triunfante e determinante num indivíduo ou grupo. Por outro lado, ao falarmos de tipos de ‘homem’, deve-se ter em conta que por ‘homem’ Nietzsche compreende não mais o ser de essência metafísica, religiosa, ou moral, mas o ‘animal’, ser da natureza que, por sua ousadia e por seu poder de ir além de si mesmo, pode criar e dar novas formas e interpretações à vida (2004, p.201).

⁴ Sobre este tema ver em “Nietzsche e a Auto-superação da Moral”, págs. 98-104, obra de Antonio Edimilson Paschoal.

No que concerne ao método de trabalho utilizado em nossa pesquisa, estamos efetuando a análise crítico imanente e o fichamento das obras publicadas, assim como dos fragmentos póstumos que tangenciam o tema proposto. Utilizaremos das traduções de Paulo Cesar de Souza para as obras publicadas e das traduções de Diego Sanchez Meca para as correspondências e fragmentos póstumos.

A discussão com comentadores é também uma medida salutar que nos permite aprofundar as questões imanentes à pesquisa. As conversas com o professor orientador também fazem parte do procedimento metodológico da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre estes dois tipos básicos de moral, indicados na introdução, existe uma postura diferente no que concerne as paixões: enquanto a moral dos escravos quer aniquilar as paixões, a moral dos senhores propõe uma intensificação e espiritualização (CI, Moral como antinatureza, §1). É neste sentido que o autor afirma que “com todo crescimento tem que crescer também o seu contrário” (*Nachlass/FP* 1887-88, 10[111], KSA 12.519). O inverso também ocorre: caso aniquilemos uma paixão, a paixão contrária também será aniquilada. Trata-se de compreender o homem através da força em que ele apresenta o caráter antitético da existência (*den Gegensatz-Charakter des Daseins*).

Se a castração das paixões é vista como sinônimo de decadência, então, na medida em que surge a possibilidade de elevação do homem, surge um problema muito complicado para o pensamento de uma moral dos senhores, o qual pode ser representado pela imagem da árvore: “Quanto mais quer crescer para o alto e para a claridade, tanto mais suas raízes tendem para a terra, para baixo, para a treva, para a profundeza – para o mal” (ZA I Da árvore no monte). Nietzsche, mesmo enquanto crítico da noção tradicional de bem e mal, afirma a necessidade de ambos os aspectos na sua tipologia do homem superior, nas próprias palavras do autor: “que o homem tem que tornar-se melhor (*besser*) e pior (*böser*), esta é a minha fórmula para esta inevitabilidade...” (*Nachlass/FP* 1887-88, 10[111], KSA 12.519). Precisamos agora ver como Nietzsche articula esta concepção em sua efetividade:

é certo que na Renascença houve um esplêndido e inquietante despertar do ideal clássico, do modo nobre de valoração das coisas: Roma agitou-se como um morto aparente que é despertado, sob o peso da nova Roma judaizada sobre ela construída, que oferecia o aspecto de uma sinagoga ecumênica e se chamava “Igreja”: mas logo triunfou de novo a Judeia, graças àquele movimento de ressentimento radicalmente plebeu (alemão ou inglês) a que chamam de Reforma, juntamente com o que dele tinha de resultar, as restauração da Igreja – a restauração também da velha paz sepulcral da Roma clássica. [...] Como uma última indicação do outro caminho surgiu Napoleão, mais único e mais tardio dos homens, e com ele o problema encarnado do ideal nobre enquanto

tal – considere-se que problema é este: Napoleão, esta síntese de inumano e sobre-humano ... (GM I §16)⁵.

Esta passagem demonstra a disputa histórica pela qual uma moral almeja alcançar a soberania. No entanto, seguindo o enfoque do nosso trabalho, o aspecto que pretendemos ressaltar é o fato de Napoleão constituir uma síntese (*Synthesis*) entre o que há de elevado e o que há de monstruoso na possibilidade homem.

Tratemos, então, do que Nietzsche entende por síntese. Por certo não é a síntese como Hegel expressou. Em um contexto distinto, no qual Nietzsche discorre sobre a noção de castigo, ele nos fornece uma noção de síntese:

Mas em um estágio anterior tal síntese de “sentidos” ainda aparece mais dissociável, mais mutável; pode-se ainda perceber como em cada caso singular os elementos da síntese mudam a sua valência, e portanto se reordenam, de modo que ora esse, ora aquele elemento se destaca e predomina às expensas dos outros, e em certas circunstâncias um elemento (como a finalidade de intimidação) parece suprimir todos os restantes (GM II, §13).

O que nos chama a atenção nesta passagem é que Nietzsche mantém a dinâmica antagônica em sua noção de síntese. Para fundamentarmos ainda melhor esta noção de síntese, agora no contexto da crítica à noção de causalidade na sucessão dos pensamentos, dos sentimentos e das ideias na consciência, o filósofo afirma: “sobre esta aparência temos fundado toda a nossa representação do espírito, da razão, da lógica, etc (tudo isto não existe, são sínteses e unidades fictícias)” (*Nachlass/FP 1887-88, 10[111], KSA 12.519*). Interpretamos síntese, portanto, como elemento fictício que serve apenas como denominação de uma determinada formação de domínio (*Herrschafts-Gebilde*).

Esta estrutura de domínio será o mais perto que chegaremos do “ser”, desta forma, apenas podemos afirmar o ente enquanto uma formação de domínio. Tudo o que chamamos de ser e, conseqüentemente, pensamos ser uma unidade “só é unidade enquanto organização e jogo de conjunto: não é diferente de uma unidade como comunidade humana [...]; portanto, uma formação de domínio, que significa um, mas não é um” (*Nachlass/FP 1885-86, 2[87], KSA 12.104*)

Voltando a passagem em que Napoleão é interpretado como a síntese do além do homem e do monstro, interpretamos que se trata de uma unidade aparente que mantém juntos, porém em conflito constante, os elementos que ora estão hierarquizados de uma forma, ora de outra.

4. CONCLUSÕES

Concluimos que Nietzsche pensa a moral dos senhores, a sua tipologia nobre, sem descartar os aspectos que são julgados e difamados como maus pela moral dos escravos. Enquanto conclusão do nosso trabalho, entendemos que, como pressuposto da elevação do homem, está presente a necessidade da hierarquização dos impulsos sem o intuito de aniquilar nenhuma das partes em disputa. Sua ideia de síntese está vinculada a sua filosofia dos antagonismos e, portanto, não pode expressar um movimento no qual, após a relação dialética entre dois elementos, se obtém um terceiro elemento, enquanto unidade, distinto

⁵ Os termos “Unmensch und Übermensch” poderiam ser entendidos como “monstro e sobre-humano”.

dos elementos que o precede. A unidade para Nietzsche pode ser vista apenas como uma formação de domínio estabelecida apenas momentaneamente – o que impossibilita interpretarmos o conceito de síntese que Nietzsche se utiliza para expressar o problema do tipo nobre à luz da dialética hegeliana. Por fim, julgamos que a concepção de síntese de Nietzsche não entra em choque com a sua filosofia dos antagonismos, pois a noção de síntese é aparência e a de antagonismo é efetividade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARALDI, C.L. **Nihilismo, criação e aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.
- MARTON, S. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, W. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. São Paulo: ANNABLUME, 1997.
- MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- NIETZSCHE, F.W. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)**. 15 vols. Organizada por Giorgio Colli eazzino Montinari. Berlim: de Gruyter, 1999.
- NIETZSCHE, F.W. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- NIETZSCHE, F.W. **Assim falou Zaratustra, um Livro para Todos e para Ninguém**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- NIETZSCHE, F.W. **Crepúsculo dos Ídolos, ou como Filosofar com o Martelo**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- NIETZSCHE, F.W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PASCHOAL, A.E. **Nietzsche e a Auto-superação da Moral**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.